

## As características de um coro juvenil

Patricia Costa<sup>1</sup>

UNIRIO/PPGM

Doutorado

*Teoria e Prática da Interpretação Musical*

pccantocoral@gmail.com

**Resumo:** Este texto traz a síntese do Capítulo I de uma investigação de doutorado. O recorte aqui apresentado trata da conceituação de coro juvenil a partir de quatro enfoques facilitadores: faixa etária, escolaridade, tessitura vocal e configuração coral.

**Palavras-chave:** Coro juvenil; Coro infantojuvenil; Coro jovem; Adolescente; Muda vocal

### A Youth Choir Characteristics

**Abstract:**

This text brings the Chapter I synthesis of a doctoral research. The present section deals with the conceptualization of youth choir from four facilitating approaches: age range, schooling, vocal tone and choral configuration..

**Keywords:** Youth Choir, Middle School Choir, University Choir, Adolescent, Vocal Change

### 1. Conceituando Coro Juvenil

A expressão *coro juvenil* é um guarda-chuva que abarca três distintos grupos, justificados e delimitados por duas duplas de recursos facilitadores: *faixa etária e escolaridade*, e *tessitura e configuração vocal*. Neste texto serão considerados estes quatro enfoques primordiais, norteadores para a conceituação de coro juvenil.

Ao tentar definir as particularidades de coros infantil, juvenil e adulto, de imediato encontramos dificuldade em delimitar a faixa etária destes, pois o senso comum sabe definir criança e adulto, mas não é preciso ao conceituar adolescência. A Organização Mundial de Saúde (OMS) considera *adolescência* o período entre 10 e 20 anos de idade, sendo

---

<sup>1</sup> Orientadora Dra. Laura Rónai; Dr. Timothy Brimmer, bolsa CAPES/Fulbright.

denominado *pré-adolescência* o período de 10 a 12 anos (OLIVEIRA, 1995; SCHOEN-FERREIRA, 2010). Estes dados encontram alguma incongruência em diferentes pesquisas, como é o caso de Daroz (2014), que afirma:

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define que o período denominado adolescência abrange indivíduos de 10 a 19 anos, divididos em duas fases distintas: a pré-adolescência (10-14) e a adolescência (15-19) propriamente dita; já a denominação juventude indica o processo social de preparação para a vida adulta nos planos profissional e familiar, que se estende dos 15 aos 24 anos. (DARÓZ, 2014, p. 16).

Por conseguinte, se compreendermos o coro juvenil como a atividade coral para adolescentes, podemos deduzir que esta expressão indica, *a priori*, a atividade coral dedicada aos indivíduos que se encontram entre 10 e 20 anos de idade<sup>2</sup>.

Já Franchini (2014) apoia-se em outro referencial para delimitar a faixa etária de um coro juvenil: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Consta de seu Artigo 2º: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.” (ECA, Brasil 1990<sup>3</sup>, p.1).

Também Schoen-Ferreira (2010) se vale dos dados do IBGE para o ECA (2007b) para estabelecer a faixa etária da adolescência, concluindo que “Em geral, a adolescência inicia-se com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta” (SCHOEN-FERREIRA, 2010, p. 227). No entanto, as observações de sua publicação atestam a enorme dificuldade de delimitação da faixa etária do adolescente, como vemos a seguir:

[...] 2. A OMS ainda aceita um outro estágio — juventude — que vai dos 15 aos 25 anos, englobando o período intermediário e final da adolescência e o período inicial da vida adulta.  
3. Em alguns casos, alguns artigos dessa lei podem ser estendidos aos 21 anos.

Por conseguinte, encontramos de imediato o desafio de estabelecer as delimitações da faixa etária, imersas em variáveis que tendem a nos desorientar. Para este

<sup>2</sup> Convém ressaltar que questões culturais podem influenciar nas dificuldades de se conceituar a adolescência. Tomando como exemplo o termo inglês *teenager*, a adolescência se define de forma simples e objetiva, pois o termo se refere aos indivíduos entre 13 e 19 anos, conforme fica evidente pelo sufixo *teen* constante desses numerais (*thirteen, fourteen, sixteen, etc.*).

<sup>3</sup> <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-norma-pl.html> (em 18\06\2015).

estudo, foi adotado o termo *adolescência* como o período indicado pela OMS, *i.e.*, dos 10 aos 20 anos, reconhecendo a subdivisão de 10 a 12 anos como *pré-adolescência*.

## 2. A confusão dos termos utilizados para coros de adolescentes

Esta reflexão sobre a faixa etária do coro juvenil nos conduz a uma questão importante e igualmente controversa: a denominação dos agrupamentos corais, que não infantis ou adultos.

Gaborim-Moreira (2015) aponta esta mesma dificuldade.

Verificamos que a relação entre a faixa etária e a denominação do coro não é padronizada; pelo contrário, é bastante divergente – e, pelo que podemos perceber, é algo comum em todo o país. (GABORIM-MOREIRA, 2015, p. 82).

Esta autora constata “três tipos de denominações para esses coros: os termos infantil, infantojuvenil e juvenil.” (GABORIM-MOREIRA, 2015, p. 82). A delimitação dos grupos mencionados por esta refere-se, primordialmente, ao período entre a infância e a entrada na adolescência.

Costa (2017) também defende a necessidade de encontrar alguma padronização nos termos comumente utilizados por regentes brasileiros para designar seus corais de adolescentes. O objeto do estudo que deu origem a este artigo — embora seja aparentemente semelhante ao de Gaborim-Moreira (2015) — é a faixa etária que começa uma etapa após a que foi apresentada pela autora mencionada. Ou seja, este estudo não considera o período da infância; em contrapartida vai adiante, abarcando, além da adolescência propriamente dita, o período inicial da vida adulta.

Collins (1999) traz a concomitância com séries escolares para definir a clientela de coro juvenil:

Eu considero adolescentes como sendo estudantes na puberdade (quinto ou sexto ano do Ensino Fundamental) até por volta do primeiro ano da faculdade. Os especialistas não podem concordar exatamente quando termina a adolescência, mas há um consenso básico de que os alunos não são mais adolescentes quando assumem responsabilidades de adulto, como o casamento e o emprego em tempo integral. Neste livro faço uma distinção entre adolescentes mais novos (alunos de Ensino Fundamental) e adolescentes mais velhos (estudantes do Ensino Médio). O livro trata das necessidades corais de todos os adolescentes. (COLLINS, 1999, p. xvi).

As considerações aqui apresentadas englobam configurações de coros de indivíduos entre 10 e 25 anos de idade, aproximadamente. A seguir, exponho uma proposta de padronização que auxilie na clareza de entendimento dos pontos levantados na pesquisa.

A decisão de ir além da adolescência, propriamente dita, é reflexo da realidade dos coros pesquisados e da premência de estabelecer parâmetros que descrevam as singularidades (e/ou semelhanças) constantes em cada grupo. A tentativa aqui é de organizar as características de cada configuração coral, para poder comparar suas demandas e, de alguma forma, padronizar suas designações, visando a busca adequada por material pertinente para coros distintos conforme idades.

São estes os termos frequentemente utilizados, nem sempre de forma clara, por regentes de coros de crianças e adolescentes:

1. Coro infantil
2. Coro infantojuvenil
3. Coro juvenil
4. Coro jovem

É perceptível a gama de possibilidades de interpretação dos termos, o que justifica a dificuldade de uma definição do coral que é foco do estudo aqui reportado: o coro *juvenil*.

Um exemplo de busca de padronização de corais por idades foi encontrado em Reginato (2011). Este propõe a divisão de alguns grupos etários para efeito de classificação dos coros; dentre eles, o *infantojuvenil*, compreendendo uma ampla faixa etária, de cantores entre 7 e 15 anos. O autor elaborou um quadro (vide Quadro nº3, p.10) contendo referências estabelecidas por pesquisadores consultados para as diferentes categorias de coros de idades entre 7 e 24 anos.

É perceptível a dificuldade em se estabelecer delimitações claras no que tange a definição de coro juvenil, considerando idades dos envolvidos. Reginato (2011) vai além, ao descartar os pré-adolescentes do escopo de sua monografia e, ao mesmo tempo, incluir os indivíduos a partir de 20 anos – aqui chamados de *jovens*.

Gaborim-Moreira (2015) justifica a variável delimitação para o termo *infantojuvenil*:

Portanto, ao direcionarmos esta tese para o coro infantojuvenil, pensamos em uma especificação mais abrangente para o trabalho coral com crianças e pré-adolescentes, considerando que esta é uma fase de transição indefinida e relativa. (GABORIM-MOREIRA, 2015, p. 83).

Tal afirmativa vai ao encontro de Reginato (2011), que propõe:

Desta forma, a partir de todos os fatores abordados, pode-se conceituar musicalmente um coro juvenil como um grupo formado por cantores adolescentes e jovens, entre os 13 e os 23 anos aproximadamente, que estão em fase de desenvolvimento fisiológico e vocal. (REGINATO, 2011, p. 14).

A síntese das afirmações acima indica, portanto, as seguintes conceituações:

1. Coro infantojuvenil — grupo de crianças e pré-adolescentes
2. Coro juvenil — grupo de adolescentes e jovens

### **3. Coro infantojuvenil, juvenil e jovem: a relação entre faixa etária, escolaridade e denominação**

A partir de pesquisa durante o período de bolsa de doutorado-sanduíche nos EUA<sup>4</sup>, foi possível compreender, naquela sociedade, a equivalência natural entre nomenclatura do coro de adolescentes e a escolaridade correspondente de seus membros. Em vista da dificuldade de estabelecer critérios tomando por base apenas as faixas etárias — recorro à hipótese de utilizar tais parâmetros como norteadores.

São adotadas, em ambos os contextos (Brasil e EUA), as mesmas designações numéricas para as séries escolares (diferindo apenas no Ensino Médio). A consciência de que são sociedades diferentes e com características próprias (programas educacionais distintos, inclusive) não impede de se observar estas duas realidades no intuito de buscar alguma uniformização que ajude na classificação dos coros para adolescentes. Embora encontrem-se diferenças quanto à população estudantil frequentando escola e também quanto à idade correspondente à série cursada, ainda assim foi possível estabelecer correspondências que levaram ao quadro exposto mais adiante.

Uma observação importante: o 5º ano, pertencente ao Fundamental II no Brasil, corresponde à Elementary School nos EUA, da mesma forma que o 9º ano, é considerado High School (*freshmen*), mas não é interpretado como Ensino Médio. Para fins de padronização e concomitância de nomenclaturas, na pesquisa da qual o texto traz um recorte, foi adotada uma flexibilização destas séries e, obedecendo aos padrões nacionais, o *5th grade* e o *9th grade* (abarcados pelo Fundamental II) correspondem à *Middle School*. Porém, por se

---

<sup>4</sup> Programa CAPES/Fulbright, na Butler University, Indianapolis, entre 2015 e 2016, sob co-orientação de Dr. Timothy Brimmer.

encontrar no limite entre duas categorias de coros para adolescentes, o 9º ano pode ser considerado em ambas as classificações (Fundamental II e Ensino Médio). Esta estratégia é também utilizada nos concursos da ISSMA<sup>5</sup>, em que os corais formados apenas por cantores do 9º ano estão autorizados a se inscreverem tanto na modalidade *Junior/Middle Division* quanto na *High School Division*.

Os semestres letivos nas universidades brasileiras são chamados de *períodos*. Para fins de padronização, no estudo aqui relatado, o sistema de *anos*, assim como nos ensinos Fundamental e Médio, combinando cada ano em dois *períodos* universitários. No entanto, é mister ressaltar que a faixa nesta etapa educacional varia muito, desde a idade de ingresso na faculdade e também no decorrer de seu curso. Portanto, as idades do coro universitário não são regulares e/ou padronizadas, estando estabelecida aqui uma mera estimativa de dados não investigados.

Tal correlação, portanto, permite chegar à seguinte proposta de nomenclatura.

**Quadro 1. Nomenclatura quanto à escolaridade e faixa etária**

NOMENCLATURA BRASIL	NOMENCLATURA EUA	ESCOLARIDADE BRASIL	ESCOLARIDADE EUA	FAIXA ETÁRIA (APROXIMADA) EM AMBOS OS PAÍSES
<b>CORO INFANTOJUVENIL</b>	Middle school choir	Fundamental II 5º, 6º, 7º, 8º, 9º anos	Middle School 5 <sup>th</sup> , 6 <sup>th</sup> , 7 <sup>th</sup> , 8 <sup>th</sup> , 9 <sup>th</sup> grades	10 a 14 anos
<b>CORO JUVENIL</b>	Youth choir	Ensino Médio 1º, 2º, 3º anos	High School 10 <sup>th</sup> , 11 <sup>th</sup> , 12 <sup>th</sup> grades	14 a 18 anos
<b>CORO JOVEM</b>	University choir	Ensino Superior 1º ao 4º ano (alguns cursos são mais extensos)	College/University 1 <sup>st</sup> , 2 <sup>nd</sup> , 3 <sup>rd</sup> , 4 <sup>th</sup> years (alguns cursos são mais extensos)	18 a 22 anos (alguns cursos podem ir até 24 anos, aproximadamente)

É importante esclarecer que esta estratégia de relacionar o coro à faixa etária e/ou nível de escolaridade não vai garantir as características do resultado sonoro pois, estando seus participantes em plena instabilidade fisiológica, nem sempre o que funcionará para um cantor será adequado a outro, ainda que sejam da mesma idade ou série escolar. A proposta aqui é de sistematização de nomenclatura para delimitar e organizar o foco da pesquisa, apenas.

<sup>5</sup> ISSMA – Indiana State School Music Association

#### 4. Tessitura vocal do adolescente

O âmbito, ou seja, a extensão vocal alcançada pelo cantor ou cantora, pode sugerir a classificação vocal que determinará o naipe ao qual o/a coralista pertence (ainda que temporariamente, no caso do coro de adolescentes). No entanto, os limites graves e agudos nem sempre condizem com a qualidade vocal do indivíduo.

Outro fator que deve ser levado em consideração, por modificar a extensão vocal é a mudança de voz ocorrida tanto em meninos quanto em meninas.

##### 4.1. Muda vocal masculina

Primeiramente, destaco em Leck (2009) a situação que bem reflete a especificidade das vozes juvenis – neste caso, dos meninos – e que reforça a importância da busca de repertório condizente e justifica esta pesquisa:

Os professores costumam perguntar: ‘Você é tenor ou baixo?’. Então eles deduzem que os meninos irão cantar naquela região tradicional das vozes masculinas adultas. Precisamos vocalizá-los, localizar onde cantam o mais confortavelmente e encontrar música que se encaixe ao seu âmbito. As vozes em mudança precisam de tanto encorajamento quanto possível. Eles precisam de partes fáceis ou de cantar a melodia. (LECK, 2009, p. 190).

Cooksey (1999) resume as principais características desta fase, que transcrevo a seguir:

1. A mudança de voz ocorre no início da puberdade e está diretamente relacionada ao desenvolvimento de caracteres sexuais primários e secundários.
2. A maioria do repertório atualmente publicado é inadequada para se ajustar à amplitude e à tessitura da voz masculina em mudança.
3. Taxas irregulares de crescimento no mecanismo vocal podem tornar a voz imprevisível e difícil de controlar, especialmente se for forçada a trabalhar na região errada.
4. Em grupos de meninos com idades entre 12 e 15 espera-se encontrar vozes em diferentes estágios de crescimento.
5. A proporção em que a muda vocal ocorre varia com os indivíduos.
6. Testes de voz individuais e de grupo são necessários.
7. Os professores devem ajudar os alunos a entender suas vozes durante a mudança.
8. É muito importante estabelecer bons hábitos de canto durante este tempo. (COOKSEY, 1999, p. 6).

Das afirmativas acima, considero que a de nº 2 (repertório atualmente publicado) esteja sendo modificada paulatinamente, à medida que compositores e arranjadores (além dos próprios regentes) estejam mais familiarizados com os estudos sobre muda vocal masculina, oferecendo maiores opções para coros infantojuvenis. As demais afirmativas parecem permanecer como consenso nos dias de hoje.

#### **4.2. Muda vocal feminina**

Embora as evidentes características da muda vocal masculina possam ser o foco de maior preocupação dos regentes de coro juvenil, as vozes femininas também passam por processo de transformação. Apesar de tal processo resultar em modificações não tão acentuadas quanto a âmbito e timbre – se comparadas com o desenvolvimento vocal masculino – ainda assim requer um olhar atento, pois tais mudanças podem atuar na segurança do canto e, por conseguinte, na produção vocal das cantoras desta fase.

Sweet (2016) chama atenção para a necessidade de incluirmos, não somente as vozes masculinas, como também as vozes femininas, na reflexão acerca da muda vocal inerente à faixa etária.

Além da ampliação geral da laringe, tudo dentro da laringe também cresce, incluindo cartilagem, músculos e as pregas vocais. As pregas vocais femininas alongam-se aproximadamente de três a quatro milímetros, resultando numa extensão da faixa de canto para baixo 1/3 de uma oitava e até três a quatro tons quando tudo estiver assentado; as pregas vocais masculinas alongam aproximadamente um centímetro, resultando em uma extensão de uma oitava para baixo e para cima de seis a sete tons. Assim, todos os componentes da laringe continuam a operar normalmente mas, porque os músculos que controlam a cartilagem — que por sua vez controla as pregas vocais — estão todos crescendo a taxas esporádicas, as pregas vocais não podem fechar corretamente (ou até o final) até que toda a eclosão do crescimento esteja completa. Como resultado, os cantores masculinos e femininos experimentam uma falta de fonação em certos tons ou grandes "buracos" na voz cantada, rachaduras e vozes ásperas, respiração excessiva (porque as pregas vocais não estão fechadas completamente e o ar está escapando através do espaço entre elas), uma qualidade vocal fina ou incolor e grande imprevisibilidade durante a produção vocal. (SWEET, 2016, p. 8).

A muda vocal feminina vem sendo alvo de pesquisas mais recentes (como em SWEET, 2016), por apresentar características que também dificultam o canto na adolescência e que, da mesma forma, necessitam de ajustes visando o conforto e a prevenção de prejuízos vocais em cantoras nesta fase.



Se considerarmos que a experiência vocal também se dá através do tempo de participação do indivíduo na atividade, percebe-se a necessidade de enfoques distintos para faixas etárias diferentes dentro da própria adolescência; com a falta de exercício prévio no coro infantil, o adolescente que entra para o coro juvenil terá pouca ou nenhuma prática de preparação vocal. Também o timbre do cantor iniciante irá se modificar à medida do desenvolvimento do canto, trazendo mudanças significativas para a aferição da tessitura adequada.

O reflexo da produção vocal na tessitura dos naipes – ou seja, não apenas no desenvolvimento individual – pode ser também alterado pelo tempo de experiência do cantor na atividade coral. Saliento ainda que, por sua natureza inexata, dificilmente uma tabela de tessitura vocal dará conta de todas as singularidades dos diferentes coros juvenis, devendo ser guardado espaço para casos divergentes.

## **5. Configuração do coro juvenil**

Outro aspecto que pode servir como critério para estabelecer peculiaridades do coro de adolescentes é a sua configuração (aqui referida como *configuração coral*), posto que este também seja assunto que traz distinções em relação ao coro infantil e/ou adulto.

Reginato (2011) menciona esta variável, além da idade dos componentes, como estratégia para definir o coro juvenil, conforme descreveu a seguir:

O conceito de categoria coral também está ligado à formação vocal do seu repertório, além dos aspectos de sonoridade inerente a cada faixa etária e seu desenvolvimento muscular. Desta forma, a formação vocal do repertório pode ser dividida em duas categorias de tessitura: vozes iguais (para coro infantil e infanto-juvenil) e vozes mistas (para coro juvenil) (REGINATO, 2011, p. 09).

O autor sugere o quadro descrito a seguir (Quadro 2), relacionando faixa etária à configuração coral, neste estudo chamada de formação vocal.

**Quadro 2. Categorização de Reginato, 2011**

CATEGORIA	FAIXA ETÁRIA	FORMAÇÃO VOCAL
Infantil	Entre 7 e 12	Vozes iguais
Infanto-juvenil	Entre 7 e 15	Vozes iguais
Juvenil (a)	Entre 12 e 20	Vozes Mistas SAB/ SATB
Juvenil (b)	Entre 15 e 24	Vozes Mistas SATB

Cabe observar, no entanto, que a complexidade desta solução, ou artifício, incide no fato de que a mistura destes critérios — *sonoridade e estruturação dos naipes* para categorizar os grupos — pode também gerar diferentes interpretações e possibilidades, sobretudo se isolarmos estes aspectos. Um exemplo disto, encontrado no quadro de Reginato (2011), é a questão da tessitura vocal dos denominados pré-adolescentes (entre 10 e 12 anos); embora considerados pelo autor como possíveis participantes do coro infantojuvenil por estarem na faixa etária delimitada, também podem pertencer à categoria de coro infantil, se classificados não só quanto à idade, mas também quanto à tessitura, além da própria maturidade do indivíduo para a atividade com cantores mais velhos.

Por outro lado, um coro infantojuvenil (ali assinalado como de vozes iguais), pode perfeitamente caber na configuração de SAB, SAC<sup>6</sup> ou mesmo SATB, se seus componentes acima de 12 anos (aproximadamente) estiverem em muda vocal e já estiverem aptos a cantar, ainda que com limitações técnicas, na região de tenor ou barítono. Cruz (apud REGINATO, 2011), pondera sobre a possibilidade de um pré-adolescente em processo de muda vocal poder cantar tanto no registro de cabeça quanto no de sua “nova” voz, acrescida de registro mais grave do que sua voz até a puberdade, o que corrobora a ambivalência de uma mesma faixa etária (10 a 12 anos) poder pertencer a dois grupos distintos (coro infantil e coro infantojuvenil).

Tais considerações, no entanto, não inviabilizam a inclusão do parâmetro como auxílio para definirmos o coro juvenil. Portanto, ao avaliar um grupo de cantantes adolescentes, além da faixa etária e da tessitura, a configuração coral pode ser um fator que, de fato, ajude a justificar sua classificação.

Ainda aprofundando a observação sobre o assunto, prossegue Reginato (2011):

<sup>6</sup> Soprano, contralto e *cambiata* (que será abordado mais à frente).

Mesmo contendo uma desenvoltura técnico-vocal que permite cantar um repertório de base SATB, traz especificidades em comparação ao um coro adulto, ligadas à projeção, ao timbre e aos aspectos de identificação com o repertório. Assim sendo, necessita de um tratamento diferenciado a fim de que todas suas potencialidades sejam exploradas, respeitando as características dos cantores que se encontram nesta faixa etária. (REGINATO, 2011, p. 14).

Embora compreenda e concorde com a observação acima, ressalvo a citação anterior (p. 17 desta pesquisa) de Franchini (2014) que, na contramão desta afirmação, considera que as características vocais do adolescente *se assemelham* à da voz adulta (grifo meu) explicitando, por conseguinte, diferentes enfoques sobre a mesma questão.

As idades indicadas pelo autor abarcam período de importantes modificações nas características vocais; o que é designado para um adolescente de 18 anos da categoria *Juvenil (a)* (vide quadro nº 9, acima), por exemplo, pode não ser adequado a outro de 13 anos desta mesma categoria. Levando-se em conta, ainda, a questão da qualidade vocal (timbre e alcance), esta distância entre idades torna-se mais acentuada.

### Considerações

Através das observações aqui registradas buscou-se descrever a complexidade do coro juvenil quanto ao seu conceito. A partir de quatro enfoques facilitadores (faixa etária, escolaridade, tessitura vocal e configuração coral) foram encontradas categorizações para as nuances do coro em questão.

### Referências

- COLLINS, Don L. *Teaching choral music*. New Jersey: Prentice Hall Inc., 2nd Ed, 1999.
- COOKSEY, John M. *Working with adolescent voices*. Saint Louis: Concordia Publishing House, 2nd Ed. 1999.
- COSTA, Patricia Soares Santos. *Afinal, coro infanto-juvenil, coro juvenil ou coro jovem?* Observatório Coral Carioca, 2017. Disponível em: <http://observatoriocoral.art.br/sites/default/files/documentos/artigos/2017-03-afinal-coro-infanto-juvenil-coro-juvenil-ou-coro.pdf>. Acesso em 18/04/2017.
- DARÓZ, Irandi. *A prática coral juvenil transitando em ambientes formais e não formais: perspectivas aplicadas à Educação Musical*. 2014. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São Paulo.

FRANCHINI, Rogéria Tatiane Soares. *O regente como educador musical: saberes para a prática do canto coral com adolescentes*. 2014. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. *Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU*. 2015. Tese (Doutorado em Música). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

LECK, Henry. *Creating artistry through choral excellence / by Henry Leck with Flossie Jordan*; Milwaukee: ed. Hal Leonard, 2009.

OLIVEIRA, Vilson G., *O desenvolvimento vocal do adolescente e suas implicações no coro juvenil "a cappella"*. 1995. Dissertação (Mestrado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

REGINATO, Daniel. *Escrita moderna e contemporânea para coro juvenil: os concursos do Jornal do Brasil como estudo de caso*. 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso).CMU-ECA-Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena et al. Adolescência através dos Séculos. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*. Abr-jun, Vol. 26 n.2. pp 227-234, 2010.

SWEET, Bridget. *Teaching music in Middle School and beyond*. New York: Oxford University Press, 2016.